

O Sindicato dos Escritores do DF, ao contrário do que disse Bené Setenta, candidato pelo PJ, não organizou e nem vai organizar lista de candidatos preferidos. O Sindicato diz que, enquanto entidade, está preocupado com os problemas culturais do País, principalmente o da censura. Hézio Pires, presidente do Sindicato dos Escritores, chegou a afirmar que defende a liberdade até de quem, não vendo entre todos os candidatos, nenhum preferido, deseje anular seu voto.

# A CAMPANHA NAS UNIVERSIDADES

## Voto esquerdista x voto nulo

Sem contar as faculdades menores, o universo de alunos da UnB, Ceub, Católica e UDF ultrapassa a casa dos 30 mil eleitores. Mas se esse número for somado aos professores e funcionários (só a Universidade de Brasília tem 960 professores e 2.098 empregados), o total fica em torno de 40 mil votantes. Esta quota já está bem próxima do coeficiente mínimo necessário para eleger um deputado federal (cerca de 60 mil votos por legenda) de um partido médio ou até pequeno, contando que tenha linha de ataque atuante. No primeiro caso inclui-se o PDT do jornalista Hélio Doyle. No segundo o PT do arquiteto Orlando Cariello ou (quem sabe?) o PSB do Beto Almeida. Candidatos a deputado federal, todos os três têm bom trânsito no meio universitário, onde pode ser incluído o nome do advogado Sigmaringa (PMDB) correndo por fora. Na faixa de senador, Pompeu (PMDB) e Carlos Alberto (PCB) são bem aceitos, e

principalmente o professor de Economia Lauro Campos (PT), que pelo visto continua absorvendo a preferência geral.

- "Estamos trabalhando para arrebanhar, se possível, todos os votos pro PT...", garante Orlando Cariello, com quem cruzamos na manhã da última quinta-feira garimpando votos na UnB.

- "Se depender do esforço da equipe de colaboradores espontâneos de meu comitê, vamos ganhar aqui, inclusive porque tenho a simpatia não só de alunos e professores, mas também de funcionários...", segreda-nos Hélio Doyle pouco antes de participar de um debate promovido pelo C.A. de História, na mesma manhã de quinta.

Na noite de sexta, quando aguardávamos a entrevista do diretor da Católica (702 Norte), fomos surpreendidos com um vibrante comício-relâmpago do jornalista Marco Antônio Campanella (PMDB), cujo alto-falante pelo menos serviu para espantar o

sono de alguns alunos nas salas de aula.

- "Convoco a juventude consciente de meu País a enfrentar juntos o inimigo comum formado pelas multinacionais...", exortava Campanella, de cima de um improvisado palanque sobre a sua velha kombi.

Mas todos esses candidatos que fazem exaustivas incursões às universidades brasilienses se deparam com um obstáculo invisível no caminho de suas democráticas pretensões eleitorais: o voto nulo. Ao contrário do que poderia imaginar, esta iniciativa continua sendo insuflada em uma área na qual deveria prevalecer o voto consciente. E o pior é que esta sendo promovida como uma forma equivocada de protesto, conforme afirma o reitor Cristóvam Buarque:

- Quem se dispõe a anular seu voto deixa de votar naquele que está mais próximo de seus desejos, favorecendo justamente os que estão mais distantes.

FERNANDO PINTO  
Repórter Especial



O candidato descansa à sombra dos cartazes eleitorais